

A Igreja de N. Senhora do Rosário da rua João Pereira Marieta Alves

São muito falhas e escassa as informações que logramos recolher no paupérrimo Arquivo da Irmandade de N. Senhora do Rosário, com sede na Igreja da antiga rua João Pereira.

No Arquivo Ultramarino de Lisboa, encontra-se o "Compromisso da Confraria de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, sita na sua própria igreja filial à matriz de S. Pedro Velho da Cidade da Bahia, fundada em 1689, aprovado em 1690, confirmação em 1768 e de novo acrescentado no de 1794".

Como se vê, é bem velha a Irmandade dos pretos, que se conservam, ainda hoje, devotos da Virgem sob a invocação do Rosário, a mais difundida entre os homens de cor, na Bahia.

Infelizmente, estamos muito longe de Portugal, onde permanecem fora do nosso alcance, tantos documentos preciosos que nos dizem respeito. O citado Compromisso é um dêles.

Com a autoridade de Diretor do Arquivo Público do Estado, o Dr. Francisco Vicente Viana disse, à página 326 de sua grande obra "Memoria sobre o Estado da Bahia": "Em 1689 creou-se uma irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos homens pretos, que tinham a imagem de sua devoção num dos altares da matriz de S. Pedro, onde se conservou até o anno de 1746. Sobrevindo então desintelligencias entre a irmandade e o vigário, resolveu aquella construir uma capella independente, para o que obteve licença do arcebispo D. Fr. Manoel de Santa Ignez no anno de 1768, escolhendo para sua edificação a area em que se acha hoje, terreno então foreiro ao mosteiro de S. Bento".

O ano apontado para a criação da Irmandade — 1689 — coincide, exatamente, provando que o autor da "Memoria" baseou-se em fonte segura, merecendo plena confiança as informações restantes, quanto a época da construção da Igreja — depois de 1768, quando os interessados obtiveram a indispensavel licença da autoridade eclesiástica.

Tudo faz supor que os devotos de N. Senhora do Rosário lutaram com difficuldades para completar as obras internas do pequeno Templo, bastante reduzido, atualmente, com o alargamento da rua, no governo do Dr. José Joaquim Seabra. Nossa suposição funda-se nos pagamentos de várias obras realizadas

no começo do século XIX, que passamos a transcrever do Livro da Despesa, como sempre respeitando a redação e a grafia.

Contas de 1819 para 1820.

"Dinheiro que se pagou ao Mestre Intalhador Jozé Nunes de S. Anna a Conta da Obra q fez para Irmande Const.es dos seus R.bos.

"Pelo que paguei ao M.e Intalhador Jozé Nunes de S. Anna a Conta da Obra da Irmande que o d.º estava fazendo Constantes de seus Recibos que passou N.º 27 70\$000".

Seguem-se outros pequenos pagamentos e, logo depois:

"Declaro que este dinheiro tocante ao Mestre Intalhador já hé resto do ajuste q fez d.ª obra dos Altares e Pulpitos da Irmande que em Meza ajustou por 260\$000 a saber q o d.º Intalhador no anno de 1819, recebeu a esta Conta do Thezour.º o Sarg.to Pedro de Alcantara Muniz aq.ta de 181\$440, e no anno de 1820, recebeu a mesma Conta 66\$320 que faz o total de 247\$760 para inteirar 260\$000 que foi ajuste que o d.º fez em Meza faltava 12\$240; esse dito tirou-se de 96\$700 q deh o Sr.º Juiz João Pereira Lopes por hum R. bo que dá do d.º Intalhador"

E' fora de dúvida que, até o inicio do século XIX, a Igreja de N. Senhora do Rosário permaneceu sem os altares colaterais, e que êstes foram executados por um grande entalhador. De fato, José Nunes de Sant'Ana é o autor das obras de talha da Igreja da Ordem 3.ª do Carmo, conforme tivemos oportunidade de revelar. Há traços de semelhança entre esta obra notável e os 2 altares da Igreja do Rosário.

O confuso Livro da Despesa continua informando:

"D.ª ao M.e Pintor de dar de branco os 2 Altares, e Pulpitos 11\$280.

Muitas paginas adiante, aparecem contas de 1815 para 1816, entre as quais: "P.lo Que paguei a Jozé Nunes de Sta. Anna de duas Credencias q. a Irm. de as comprou como consta doseu Recibo N.º 12 12\$800."

Seguem-se pagamentos a vários artistas pelas obras que fizeram na capella mor. Devido à sua importância vamos transcreve-los na ordem cronológica:

"P.lo Que paguei a Telles de Souza de Sta. Ritta M.e Pintor da Pintura q fez no Retabulo da Igreja e Barras pretas a saber a Pintura foi degeço branco como consta doseu Recibo n.º 12 12\$960.

"Pello Que paguei ao Sr. Ancelmo Simons de Souza p.lo dourado do Trono Ninxo e Urna como consta do Recibo N.º 33 285\$000."

"Pello que paguei a Lourenço Machado aconta do dourado epintura da Capella mor 200\$000."

"Pello q dei a Lourenço Maxado de Barros neste mesmo anno, aconta da Pintura da Capella Mor, e não traz Recibo p.r q hade sahir no Recibo no fim doseu em bolçõ 40\$000."

"Pello que paguei ao Mestre Pintor Lourenço Maxado de Barros restante do ajuste da Pintura da Capella Mor como consta do seo Recibo q passou n.º 17 100\$075."

O teto da capella mor da Igreja de N. Senhora do Rosário conserva, ainda hoje a pintura paga a Lourenço Machado de Barros, entre 1821—1823. Este artista encarnou, em 1806 a imagem de Santa Clara, do Convento do Desterro.

Apesar de pequena e modesta, a Igreja da velha Irmandade dos homens pretos possui bonita lâmpada de prata, sendo do mesmo metal a porta do Sacrário, remanescentes de uma era melhor. Nada conseguimos apurar sobre a formosa imagem da Padroeira, nem sobre as outras imagens, entre as quais a de N. Senhora de Conceição dos Pobres, que se encontra na Sacristia, onde também se vê um painel representando N. Senhora dando o rosário a S. Domingos. Trata-se de uma pintura do artista bahiano Cirilo Marques de Oliveira.

Ainda bem que perdura a velha Irmandade, creada em 1689, com a finalidade de "manter o Culto Divino por meio de atos religiosos e pios, promover entre os Irmãos uma vida cristã mais perfeita e ampará-los nas suas necessidades espirituais e corporais".

A execução deste programa é dos mais oportunos, porque nunca a humanidade necessitou, como nos dias que correm — "de uma vida cristã mais perfeita".